

DIAGNÓSTICO DA ENCEFALOPATIA SÉPTICA EM PACIENTES CRÍTICOS

Lívia Eduarda do Nascimento Dias

Graduanda em Medicina
Faculdade de Ciências da Saúde Pitágoras de Codó

Jessica Reis Lopes

Segundo ano de residência médica em cirurgia geral (R2)
HUJBB (Hospital Universitário João de Barros barreto)

Magliane Borges Lucero Cordeiro

Acadêmica de medicina
Centro universitário FAMETRO

Leonardo Cortazio Boschini

Residente de Clínica Médica do Conjunto Hospitalar do Mandaqui

Victória Marçal Remédio

Médica
Faculdade Santa Marcelina

Jackelyne Grasyelle Filho Ramos

Médica
Universidade privada del est(UPE)
Paraguay presidente Franco

Bruno Martins Guimarães

Licenciatura Plena em Educação Física
Universidade do Estado do Pará - UEPA

Karoline Pereira Antoniassi

Graduada em Medicina
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Joaquim Miguel Neto

Medicina
Universidade do Estado de Mato Grosso

Jorge Augusto Soares de Souza

Médico
Hospital Regional de Toledo-Pr / UFPR

RESUMO

INTRODUÇÃO: A encefalopatia séptica (ES) é uma complicação comum, porém pouco compreendida da sepse, que atinge entre 9 e 71% dos pacientes sépticos, variando de acordo com os critérios utilizados para o diagnóstico. Pode ser definida como uma disfunção cerebral resultante de alterações metabólicas e de sinalização celular mediadas por componentes

inflamatórios. Costuma ser um evento precoce no decorrer da história natural da doença, surgindo frequentemente antes da falência dos demais órgãos, e associada a um pior prognóstico, quando presente. A ES não está associada apenas a uma alta mortalidade hospitalar (16 a 63%), mas também pode levar a limitações cognitivas e funcionais em longo prazo para aqueles que sobrevivem. Em virtude das possíveis consequências que essa disfunção orgânica pode provocar, o diagnóstico precoce de injúria cerebral pode contribuir para a identificação desses pacientes mais graves, que necessitam de maior vigilância e de intervenção imediata. No entanto, o quadro clínico é variado, de acordo com o grau de sedação do paciente, e também inespecífico, pois são comuns às diversas doenças achados como redução do nível de consciência ou agitação, desorientação e déficit de concentração, delirium e coma, o que torna a ES um diagnóstico de exclusão. **OBJETIVO:** Analisar o diagnóstico da encefalopatia séptica em pacientes críticos. **METODOLOGIA:** Foram consultadas as bases de dados SCIELO, MEDLINE, LILACS E BVS utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Encefalopatia séptica” e “Diagnóstico”, as publicações selecionadas e que estavam disponibilizadas gratuitamente foram lidas na íntegra. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A literatura mostrou que critérios clínicos, associados a testes eletrofisiológicos e bioquímicos, devem ser utilizados no diagnóstico da ES. Nesse contexto, o uso de biomarcadores de ES seria útil para monitorar a disfunção cerebral e prever a mortalidade, mesmo que a exata função desses marcadores no manejo dos pacientes sépticos permaneça incerta. Dentre os diversos biomarcadores utilizados, a enolase específica neuronal (NSE, sigla do inglês neuron specific enolase) e o S100 beta são os mais promissores. Ainda não se sabe o mecanismo pelo qual é excretada, mas parece existir relação com o estresse oxidativo presente na agressão ao tecido neural. **CONCLUSÃO:** Os estudos encontrados demonstraram associação positiva entre os níveis elevados de NSE e S100 beta e o desenvolvimento da encefalopatia secundária à sepse. Tais achados sugerem que esses biomarcadores podem contribuir para o diagnóstico dessa complicação, que é frequente, porém, muitas vezes, não diagnosticada. O uso de sedação, prática ainda comum nas unidades de terapia intensiva, também pode contribuir para uma avaliação comprometida do estado de consciência dos pacientes. Métodos de imagem poderiam ser uma alternativa, no entanto a TC não é capaz de identificar alterações definitivas em caso de ES, enquanto que a RNM costuma ser útil no diagnóstico de anormalidades cerebrais e, eventualmente, contribui na determinação do prognóstico.

Palavras-chave: Encefalopatia séptica; Biomarcadores; Diagnóstico;